

# SAUDAÇÃO: A PALAVRA COMO INSTRUMENTO DE LUTA E CONSCIENTIZAÇÃO DE UM POVO.

Francisco José Fernandes da Silva<sup>1</sup>

Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo realizar uma breve reflexão acerca da influência da poesia de combate, como um instrumento de luta e conscientização dos povos e movimentos de resistência em África. Para tanto, o trabalho se atém a análise interpretativa e reflexiva do poema “Saudação”, presente na obra *Sagrada Esperança* (1979) do poeta, político e intelectual angolano Agostinho Neto. Este artigo é estruturado sob a hipótese de que a poesia de combate, a qual consiste em uma escrita engajada, se concretizou como uma vertente poética fundamental na libertação, conscientização e construção da identidade nacional, não apenas do povo angolano, mas de toda a África. Sua finalidade, portanto, é demonstrar em que medida as letras como arma de combate, influenciaram na luta em prol da libertação, ultrapassando os muros de África, e chegando a outras nações como uma porta para a liberdade.

**Palavras-chave:** Agostinho Neto. Saudação. Libertação. Conscientização. Identidade Nacional.

## ABSTRACT

This course conclusion work aims to make a brief reflection on the influence of combat poetry, as an instrument of struggle and awareness of peoples and resistance movements in Africa. For that, the work sticks to the interpretative and reflective analysis of the poem “Saudação”, present in the work *Sagrada Esperança* (1979) by the Angolan poet, politician and intellectual Agostinho Neto. This article is structured under the hypothesis that combat poetry, which consists of an engaged writing, has materialized as a fundamental poetic strand in the liberation, awareness and construction of national identity, not only of the Angolan people, but of all Africa. Its purpose, therefore, is to demonstrate the extent to which letters as a weapon of combat, influenced the struggle for liberation, going beyond the walls of Africa, and reaching other nations as a door to freedom.

**Keywords:** Agostinho Neto. Salutation. Release. Awareness. National Identity

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando em Especialização em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Universidade Aberta do Brasil.

<sup>2</sup> Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (1996); Graduado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2001); Mestre em Administração e Supervisão Educacional pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e Doutor em Políticas de Educação e Sistemas Educativos pela Universidade Estadual de Campinas (2004).

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura pode servir como uma arma de combate, consistindo em um verdadeiro instrumento simbólico de estímulo à luta e defesa da liberdade. Angola, assim como os demais países colonizados aspirava por sua liberdade, e para tanto, seus nativos estavam dispostos a lutarem por ela. No período entre as guerras colonial e civil, surge um ilustre nativo, o escritor e político António Agostinho Neto (1922-1979), que escreveu poemas de relevantes destaques, como o intitulado “Saudação”, em que saúda seus conterrâneos, àqueles cujo conjunto de cultura e língua foram sufocados, e de certo modo, substituídos pelos hábitos do colonizador. A composição poética de Neto, fora uma importante fonte de força aos combatentes, não apenas angolanos, mas a todos que se identificavam e compreendiam seu papel social de luta contínua.

O presente artigo consiste em uma breve reflexão acerca da influência da poesia de combate, como um instrumento de luta e conscientização sobre os movimentos de resistência em África, tendo como base o povo angolano, ferrenhamente defendido pelo poeta, político e intelectual Agostinho Neto. Para tanto, o trabalho se atém a análise interpretativa do poema *Saudação*, presente na obra *Sagrada Esperança* (1979) do referido autor, lançada pela União dos Escritores de Angola em algumas edições, sendo a deste trabalho, uma edição especial produzida pela editora Sá da Costa, como uma amostra de sua literatura de engajamento.

O poema em análise, alusivo ao período colonial, aborda os agravos sociais que o negro angolano/africano vivenciara, principalmente em decorrência do processo colonizador. Neste poema, o autor busca incentivar seu povo a erguer-se na luta pela reconstrução histórica de África. Além disso, a leitura do mesmo, possibilita o leitor “voltar ao passado” e compreender, de certo modo, o comportamento do negro angolano pós-independente, e, assim, dá certa ressignificação à história distorcida pelo padrão literário imperialista.

Com o objetivo de realizar algumas considerações acerca da importância dessa vertente poética como ferramenta influente na libertação, conscientização e construção da identidade nacional do povo angolano, este trabalho tem como finalidade discutir em que medida a poesia de combate influenciou na luta em prol da libertação de Angola e, se ultrapassou os muros de África, chegando a outras nações reféns ou não, do colonialismo. Para tanto, o artigo está estruturado sob a hipótese de que Agostinho Neto, embora militante e líder político, se fez guerreiro das letras e forte influenciador de sua época, e que através de sua escrita engajada, cujo objetivo principal fora a libertação de seu povo e o resgate de sua identidade nacional, fez de sua poesia, além de uma convocação à luta, um instrumento de esperança e de denúncias contra a ditadura e o regime colonial.

Diante dessa situação, um questionamento é pertinente: a poesia de combate ou a mensagem de combate presente no poema *Saudação* de Agostinho Neto contribuiu para a ressignificação da história e resgate dos valores culturais da identidade nacional do povo angolano? Como sustentação teórica para tanto, a pesquisa utiliza, além do referido poema, os textos de Iris Maria da Costa Amâncio (2003), José Luís Pires Laranjeira (2008), Gilson Brandão de Oliveira Junior (2017) além de outros teóricos e críticos que seguem a mesma linha de raciocínio.

Percebe-se, desse modo, a necessidade de um estudo que possibilite conhecer e compreender o contexto histórico em que esta obra fora escrita, bem como a vertente ideológica do autor, visto que tais informações são fundamentais para que se possa evidenciar a força da poesia de combate e sua contribuição para a reconstrução e ressignificação da história do negro angolano/africano, desconstruída pela literatura colonial.

Assim, a primeira seção deste trabalho discute-se acerca da vida e obra do poeta Agostinho Neto, bem como a força de sua poesia sobre o povo angolano, além de uma breve descrição do contexto histórico do poema *Saudação*, objeto de estudo deste artigo, considerando o período em que fora escrito, buscando evidenciar como seus interlocutores receptionaram a mensagem, compreendendo-a como um alerta e chamado para à luta.

Na segunda seção analisa-se o poema *Saudação*, em que são tecidas considerações e reflexões quanto ao seu conteúdo e foco de sua mensagem, levando em consideração que nesse período, Agostinho Neto já se manifestava contra os regimes opressores, se utilizando do discurso escrito como arma de combate, demonstrando a força de libertação nacional de seu fazer literário.

Na terceira e última seção deste artigo, após a análise dos dados, discute-se acerca da influência da escrita de Agostinho Neto sobre os movimentos de libertação em África, sua importância e contribuição para a formação da atual Angola, considerando essa expressão literária como um forte grito libertário, cuja mensagem ultrapassou as fronteiras do continente africano.

Portanto, partindo dessa perspectiva, cuja compreensão do contexto histórico da referida obra se faz necessária, o presente estudo busca demonstrar o quanto a escrita de combate contribuiu e contribui para a fomentação de dias melhores para uma causa, para um povo e para uma nação, como os angolanos, dando ressignificação à sua história, outrora difundida sob o viés colonial.

## 2. AGOSTINHO NETO E ANGOLA, UM CONTEXTO HISTÓRICO EM POESIA.

O angolano António Agostinho Neto (1922-1979)<sup>3</sup>, ligado diretamente aos movimentos do Pan-africanismo<sup>4</sup> e Negritude<sup>5</sup>, vivenciou a história de seu país ativamente por meio de suas atividades poéticas e políticas. Estudou medicina em Portugal, tendo iniciado seus estudos na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, e, posteriormente, na Universidade de Lisboa, onde se formou. Desempenhou papel decisivo no processo de independência de seu país, Angola, sendo inclusive, principal liderança do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA, 1962-1974), primeiro Presidente da Nova República (República Popular de Angola) e membro-fundador da União dos Escritores Angolanos.

Sua formação acadêmica e seu contato, ainda jovem, com os movimentos de resistências lhe permitiram alargar seus conhecimentos acerca da consciência social e política, elementos característicos de seu fazer poético, em que se observa o saudosismo e sua paixão pela terra natal. Esse discurso saudosista e repleto de sentimentos é constatado em seu poema *Saudação*, contido na obra *Sagrada Esperança (1979)*, cujo eu-lírico aproxima-se do povo negro africano, por meio de um discurso de aclamação.

A poética de Agostinho Neto foi uma importante fonte de força aos combatentes, e sua figura combativa peça fundamental no processo de independência de Angola, como bem ressalta o escritor brasileiro Jorge Amado no prefácio “Para uma coletânea de poemas de Agostinho Neto”, do livro “Poemas de Angola” publicado em 1976, ao dizer que “na luta pela independência de Angola, a poesia foi arma poderosa manejada por Agostinho Neto. Na selva, tanto quanto a metralhadora, o fuzil, o facão, a poesia sustentou o ânimo e alimentou a esperança dos guerrilheiros.” (AMADO, 1976, p. 7).

Debruçar-se em seus escritos literários é permitir-se conhecer a sua história e a história de Angola e de seu povo, e assim, compreender a mensagem do autor para com seus

---

<sup>3</sup> Informações biográficas encontradas no artigo: FONSECA, Helder Adegar. Agostinho Neto e a historiografia biográfica. Revista de Teoria da História, Volume 19, Número 1, Junho/2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/53773/25757>. Acesso em: 05 nov. 2021 e no site da Fundação Agostinho Neto, disponível em: <https://agostinhoneto.org/biografia/>. Acesos em: 05 de nov. de 2021.

<sup>4</sup> A ideologia Pan-africanista surgiu de um sentimento de solidariedade e consciência de uma origem comum entre os negros do Caribe e dos Estados Unidos. Ambos estavam envolvidos numa luta semelhante contra a violenta segregação racial. Essa solidariedade que marcou a segunda metade do séc. 19 propôs a união de todos os povos da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=26286>. Acesso em: 05 nov. 2021.

<sup>5</sup> A Negritude é um movimento literário, estético e filosófico, mas também uma busca de identidade que permitiu ligar por textos e pelo pensamento a África, a Europa, a América e o Caribe. Disponível em: <http://www.mondialisations.org/php/public/art.php?id=24970&lan=PO>. Acesso em: 05 nov. 2021.

irmãos negros e todos àqueles que desejassem abraçar a causa. Para Pires Laranjeira (2008) grande parte da poesia de Agostinho Neto consiste em um importante documento histórico e de história, visto que, tais escritos captam e documentam “a existência, entre 1945 e 1956, do movimento popular de luta de libertação de Angola, mostrando a íntima ligação entre a teoria e a prática, quer ideológica e literária, quer política, do seu autor.” (LARANJEIRA, 2008, p. 111).

Amâncio (2003) afirma que a figura de Neto está atrelada a história de Angola por diversas vertentes, principalmente com a história recente do país, uma vez que Neto fora personagem de extrema importância para a libertação de Angola:

A articulação literatura/história/memória/construção da nação, fio construtor/conductor do bojo literário angolano, evidencia, desde os anos 40, o acentuado tom libertário que, por muitas vezes, emoldura a atuação de alguns sujeitos históricos, na condição de heróis nacionais. Dentre eles, encontra-se António Agostinho Neto. O ápice da consolidação de sua exemplaridade se efetiva em *Sagrada Esperança*, sua coletânea poética, publicada em 1975. (AMANCIO, 2003, p. 309).

A história de muitos países africanos revela que o poema, embora arte intangível, está presente em seu contexto histórico, e poemas como os de Agostinho Neto inflamaram nos povos que se identificavam com as mensagens neles explanadas, o ardente desejo por libertação, demonstrando, desse modo, que o objetivo do autor fora alcançado, fazendo jus ao que afirma Otavio Paz (2012) ao dizer que “o poema deve provocar o leitor: obrigá-lo a ouvir – a ouvir-se” (PAZ, 2012, p. 314), propiciando, assim, o entendimento de que a poesia atua junto à sociedade como um aporte ideológico e libertário, ultrapassando as fronteiras do simples deleite.

Na batalha contra o regime colonialista europeu Agostinho Neto utilizou a poesia como arma e escudo para suas lutas intelectuais, uma vez que tal regime contribuiu para a implantação de ditaduras sob o viés da alienação nacional em Angola. Em *Saudação* percebe-se a utilização da poesia com instrumento de luta, uma vez que Neto busca, através das vozes representadas em suas poesias, fazer ecoar o grito de seu povo, clamando por liberdade e justiça.

Isto corrobora com a afirmação de Paz (2012) e ao mesmo tempo possibilita a reflexão de que Agostinho Neto demonstra enxergar, em seu fazer poético, uma oportunidade de instigar o leitor a reagir frente à submissão e reação ao colonialismo. Seu grito, que ecoa até os dias atuais, uma vez que ultrapassou o campo territorial africano, revela que sua construção literária e poética está diretamente ligada ao tempo presente em que vivera. Seus discursos

combativos foram o porta-voz entre um mundo friamente colonizado com àqueles a serem despertados para uma guerra por liberdade.

Como negro, angolano e estadista, o autor influenciou diretamente na construção de um Estado, que durante os anos, politicamente sofrera alterações, contudo, sua mensagem permanece como um aporte de esperança e bálsamo para àqueles que aspiram por mudanças:

Sagrada Esperança constitui como que o texto épico da angolanidade. Podemos compará-lo, no caso angolano, com as devidas distâncias temporais, espaciais e culturais, ao caso português de *Os Lusíadas*. Nele se encontram os temas da alienação social, cultural e política, da exploração econômica, da repressão policial e política, da miséria e do analfabetismo, da prostituição e do alcoolismo, do trabalho e da solidariedade, do amor e da esperança, do exílio e da nostalgia, da revolta, prometeísmo e revolução. Sagrada Esperança é como um fresco ou uma saga exortativa do povo angolano à conquista da sua identidade e independência. (LARANJEIRA, 1995, p. 92).

Em “Sagrada Esperança” percebe-se que o período/época em que fora escrita, consiste em momento de profundas mudanças sociais e políticas em Angola. Embora um período conturbado da história angolana, a mensagem central, de fato, fora ouvida e absorvida por grande parte de seus compatriotas, posto que Neto introduziu em seu fazer poético a sua sensibilidade e seu posicionamento nacionalista.

Nessa perspectiva infere-se que a leitura interpretativa do poema *Saudação* possibilita a compreensão de que a produção literária de Neto está diretamente ligada ao interlocutor, porquanto sua mensagem é voltada a este. É possível observar ainda, que sua performance de ora político, ora poeta, ora homem comum africano, ultrapassou as fronteiras territoriais de Angola, estendendo-se aos demais irmãos negros de outras nações, com o compromisso de aguçá-los ao desejo de se libertarem de sua realidade opressora, e simultaneamente, resgatarem o seu direito de ir e vir.

Na referida obra, o poema *Saudação* traz esse sujeito engajado com as causas humanitárias de seu povo, cujas ações e pensamentos inferem o modelo colonial como paradigma negativo, que compreende a união como único caminho para a libertação de Angola, e faz uso das letras como sua arma de combate e grito silencioso, ecoando na mente do seu povo e emanando em seus corações, após uma saudação em convite à luta, a sagrada esperança de dias de paz.

Diante do exposto, à próxima seção será destinada a análise interpretativa e reflexiva do Poema *Saudação* de Agostinho Neto, como exemplo dessa poesia de combate do autor, que busca a unidade do povo negro-angolano, em prol de um mesmo lugar, de um mesmo bem comum: um país livre e consciente de sua identidade.

### 3. AGOSTINHO NETO: A MENSAGEM DE COMBATE EM SAUDAÇÃO (1979).

Nesta seção, far-se-á uma breve análise do Poema *Saudação*, contido na obra *Sagrada Esperança*, do poeta angolano Agostinho Neto, publicada em 1974, e constituída por poemas de diferentes períodos. Para tanto, será analisada a edição especial da obra original, realizada por Sá da Costa Editora, para a União dos Escritores Angolanos, impressa e encadernada na Printer Portuguesa, em novembro de 1979.

Na introdução de *Sagrada Esperança* (1979), Marga Holness<sup>6</sup> (1979), apoiadora do MPLA, amiga, intérprete e tradutora de Agostinho Neto, traça, a partir da análise dos versos de Neto, o perfil literário do autor, ao afirmar que “os poemas deste volume narram a história épica do alargamento da consciência de um povo na forma moderna do movimento de libertação”. (HOLNESS, 1979, p.28)

O poema *Saudação* traz essa vertente combativa, pois busca conscientizar o povo angolano acerca da necessidade de manifestação contra o regime opressor, porquanto a escrita de Neto, neste poema, visa estabelecer um diálogo entre o poeta e o interlocutor. Além de um cumprimento, consiste também, em uma aclamação ao povo angolano para a luta, sendo perceptível, logo nos versos iniciais, essa aproximação por meio de uma aclamação ao homem negro, a quem o eu-lírico considera como irmão, o “negro qualquer”, conscientizando-o e convidando-o à luta pela liberdade.

SAUDAÇÃO  
*A ti, negro qualquer  
 meu irmão do mesmo sangue  
 Eu Saúdo!*

*Esta mensagem  
 seja o elo que me ligue ao teu sofrer  
 indissolúvelmente  
 e te prenda ao meu Ideal*

*Que me faça sentir  
 a dor e a alegria  
 de ser o negro-qualquer perdido no mato  
 com medo do mundo ofuscante e terrível  
 e nos alie agora na sua busca*

*e me obrigue a sentar-me ao teu lado  
 à mesa suja dos excessos de sábado à noite  
 para esquecer a nudez e a fome dos filhos  
 e sinta contigo a vergonha*

---

<sup>6</sup> HOLNESS, Marga. Introdução. In: AGOSTINHO NETO, António. *Sagrada Esperança*. Edição Especial, Sá da Costa Editora. Luanda: UEA, 1979. p. 7-33.

*de não ter pão para lhes dar  
para que juntos vamos cavar a terra  
e fazê-la produzir*

*e me transforme no homem-número-abstracto  
desconhecedor dos objectivos  
na tarefa que nos consome  
como o bastardo desprezado de certo mundo  
nesta madrugada do nosso dia*

*me faça enfim  
o negro-qualquer das ruas  
e das sanzalas  
sentindo como tu a preguiça  
de dar o passo em frente  
para nos ajudarmos a vencer  
a inércia dos braços musculados*

*Esta é a hora de juntos marchamos  
corajosamente  
para o mundo de todos  
os homens*

*Recebe esta mensagem  
como saudação fraternal  
ó negro qualquer das ruas e das sanzalas do mato  
sangue do mesmo sangue  
valor humano na amálgama da Vida  
meu irmão  
a quem saúdo!  
(AGOSTINHO NETO, 1979, p. 74-75)*

Percebe-se que, nas duas primeiras estrofes, o eu-lírico saúda àqueles que se identificam com ele. Através da expressão “negro qualquer” o eu-poético se dirige ao povo angolano, demonstrando em seu modo de falar, que essa grande massa é desvalorizada, e que o reconhecimento pode ocorrer por meio da adesão ao seu ideal libertário, motivo pelo qual buscou comunicar-se e unir-se aos maltratados pelos regimes ditatorial e colonial, enfatizando tal posicionamento no verso em que diz “esta mensagem seja o elo que me ligue ao teu sofrer”.

Na terceira e quarta estrofes, nota-se que o poeta, através do eu-lírico, demonstra estar distante fisicamente do seu povo, os irmãos sofridos, àqueles perdidos no “mato com medo do mundo ofuscante e terrível”, contudo, sente na alma as dores e sofrimentos de seus conterrâneos, sentimentos que obrigam o eu-lírico a sentar, junto aos seus irmãos de sangue “à mesa suja dos excessos de sábado à noite para esquecer a nudez e a fome dos filhos”, evidenciando estar ciente acerca da miséria instalada em seu povo, e por conta dessa sua distância, faz uso de sua principal arma, a poesia, para que sua mensagem de luta torne-se um elo de força e união entre negros e simpatizantes da causa.

A quinta estrofe revela esse desejo de estar presente por parte do autor, pela qual torna-se evidente por meio de seu engajamento e compromisso com os anseios da nação, em manter viva a memória histórica de seu povo, colocando-se à disposição para lutar pela cultura e política de sua terra, de modo a se entregar de corpo e alma, para sentir na pele as mazelas, as dores e o desrespeito que seus irmãos negros sofrera, desejando transformar-se em um “homem-número-abstracto”, isto é, em um ser desvalorizado, utilizado pelo colonialismo apenas como ferramenta de produção, cujo jugo da escravidão torna-se a “madrugada do nosso dia”, consistindo, assim, em uma crítica do poeta, bem como um alerta, àqueles que aos poucos estavam se entregando à alienação colonial.

A mensagem contida nestes versos é consoante ao que afirma Gilson Brandão de Oliveira Junior (2017), que independentemente do espaço físico aonde intelectuais como Agostinho Neto estivesse, sempre se utilizariam do poder da palavra para expressar e se fazer ecoar um grito com o mesmo fim: a libertação nacional, pois:

Apesar da vivência do deslocamento afetar a construção das noções de identidade cultural e as suas concepções de nação, as trajetórias específicas e o contexto de atuação de cada um desses grupos concorrerão para fomentar a angolanidade, cujo fundamento reside na sua articulação, uma vez que todos esses intelectuais tinham objetivos análogos e complementares, estivessem no “interior” ou no “exterior”. (OLIVEIRA JUNIOR, 2017, p. 41).

Tal afirmação corrobora com os versos anteriormente analisados, que embora não sigam uma estrutura sonora, com métricas e rimas, o poeta demonstra que, mesmo distante, seus pensamentos estão voltados para o seu povo, tanto que o eu-lírico entende ser necessário agir e lutar por Angola e pelo negro mutilado pela crueldade dos regimes opressores, por isso à importância de alertá-los para a reconstrução de sua história, e isto, através da luta.

Na sexta estrofe o eu-poético de Agostinho Neto revela sua empatia em prol da causa libertária, buscando enfatizar que só através da união chega-se ao objetivo. O poeta tenta reavivar a bravura e virilidade de seu povo, na tentativa de despertá-los para a batalha, a ponto de dizer-lhes que um povo forte e valente não pode esconder-se na “preguiça de dar um passo a frente” e nem na “inercia dos braços musculados”, descrevendo o quão forte fisicamente é o negro angolano.

Neto busca elucidar a mensagem de que esconder-se em seus medos só retarda à luta e torna-se um desperdício de tempo, pois por mais árdua que fosse a batalha, o poeta sabia que a libertação nacional dependeria do próprio povo, e que quanto mais se entregassem a alienação dos regimes opressores, a história e a identidade nacional de Angola estava sendo

friamente ocultada. Conforme Fonseca (2015), a persuasão linguística de Neto, bem como a sua intenção de conscientizar o povo por intermédio da poesia é evidentemente marcada “nos versos e no registro de ações capazes de transformar os ‘lamentos da multidão’ em ‘heroicas bandeiras’ desfraldadas por aqueles que saberão transmutar a ansiedade em força criativa.” (FONSECA, 2015, p. 135).

Esse compromisso por parte do poeta é, de certo modo, explicado por Laranjeira (2008), ao afirmar que tal convocação já se revela um ato político de fomentação e estímulo à criação das frentes de resistência, como por exemplo o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola):

A poesia de Neto, expondo esteticamente as ânsias e raivas do povo dos musseques (bairros populares pobres), analisando socialmente a situação histórica, referindo as aspirações, o desejo de mudança e a esperança desse povo, pressupõe a existência de condições objectivas para a formação de um movimento popular de libertação nacional, enquanto organização superior de luta, constituindo esse discurso estético um testemunho social e histórico de que começou, nele próprio (e noutros discursos) e na prática social e política, a ser forjado, portanto, antes de 1956 e surgiu, de facto, nesse ano, enquanto MPLA, e não mais tarde, como algumas teorias revisionistas querem fazer crer. (LARANJEIRA, 2008, p. 112)

Desse modo, é possível perceber na sétima e penúltima estrofe, que o poeta apresenta, simultaneamente, tanto sua comunhão com seu interlocutor quanto seu ativismo político, ao afirmar que “esta é a hora de juntos marchamos corajosamente”, comprometendo-se em lutar junto com os seus “irmãos”, pela concretização do objetivo em comum: a libertação do negro angolano da realidade opressora, enfatizando que tal bravura os levará ao “mundo de todos os homens”, isto é, um mundo livre, onde o Homem de todas as raças é livre, cujos direitos e escolhas não são cerceados por ditadores ou impérios, e cuja a liberdade de expressão e de viver é real. Lima (2016) afirma que esta solidariedade consiste em “um sentimento caracterizador dos ideais da negritude, pois desperta a necessidade de união com os irmãos” (LIMA, 2016, p.238), elemento muito presente na poesia de Agostinho Neto.

Por fim, na oitava e última estrofe, o eu-lírico que apresentou no decorrer do poema um povo forte, mas abatido e excomungado de sua própria cultura, reforça que a esperança de dias melhores está dentro do próprio eu, dentro de si, pela qual solicita que o “negro qualquer das ruas e das sanzalas do mato, sangue do mesmo sangue”, o seu povo, receba sua saudação como um abraço fraternal e como uma mensagem de valorização àqueles tão desprezados pelo colonizador, e tão amados pelo poeta.

A mensagem contida no final do poema consiste em uma tomada de consciência rumo à libertação, em que o eu-lírico traz a perspectiva de igualdade, não dada como um donativo, mas conquistada através da luta e do reconhecimento.

Neste poema, portanto, Agostinho Neto evidencia uma construção poética de princípio universalista, cujo discurso abrange não apenas os negros de África, mas todos àqueles espalhados pelo mundo, e isto através da conscientização acerca dos valores humanos, conforme afirma Carter<sup>7</sup> citado por Lima, que diz ser a poesia de Neto uma representação da dor sofrida pelo negro de todas as nações, de modo que, “o homem oprimido da ‘Sagrada Esperança’ deixa de ser especificamente o homem angolano, torna-se o Homem Universal. E a causa a qual os poemas são dedicados, torna-se a causa de toda a Humanidade.” (CARTER, 1989 apud LIMA, 2016, p. 238).

Vê-se, assim, que a identificação de Agostinho Neto com o negro vai além da cor, visto que essa identificação perpassa pelo sofrimento e pela dor que seus irmãos sofreram e sofrem, devido a diferentes problemas sociais. O perfil heroico deste autor vincula-se a sua articulação com o povo, uma vez que em seu fazer poético, Neto percorre entre a literatura, a memória histórica e a aspiração pela construção de uma nação livre, e isto, dentro de um tom libertário que o configurou na condição de herói nacional.

Após esta análise, a próxima seção consiste na realização de uma breve discussão acerca da escrita combativa de Agostinho Neto, assim como sua importância para os movimentos de libertação, sua influência e sua contribuição no processo de libertação nacional, levando em consideração o contexto histórico do referido poema para o efetivo entendimento da mensagem do autor, tendo como base a afirmação de alguns intelectuais.

#### **4. A ESCRITA INFLUENTE DE AGOSTINHO NETO NA CONDUÇÃO DO POVO RUMO À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL.**

Realizada a análise do poema, nesta terceira e última seção discutir-se-á acerca da influência da escrita de Agostinho Neto sobre os movimentos de libertação em Angola/África, visto que como um dos fundadores do MPLA em Angola, Neto lutou contra a metrópole colonizadora portuguesa, fazendo uso de uma escrita engajada, que estreitou a relação entre poesia e revolução, pela qual tornou o seu fazer literário uma poderosa arma de combate.

---

<sup>7</sup> CARTER, Janet Elizabeth. O patriota como poeta, Agostinho e a sua arte. *In: A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida e Angolê – Artes e Letras, 1989. Pp. 79-92.

Para compreender essa influência faz-se necessário levar em consideração o contexto histórico do poema *Saudação*, em que o autor realiza um convite à luta, ao novo, à liberdade, e isto em meio a um processo avassalador de histórias, que foi o colonialismo.

Agostinho Neto, por meio de seu ativismo, contribuiu significativamente para um novo rumo de Angola. Embora politicamente o país tenha sofrido mudanças ao longo dos anos, Neto tem sua importância. Seu grito negro, que evocou a força outrora turvada pelo colonialismo, também ecoou a liberdade de seu povo. Santos (2010) diz que, semelhantemente a Viriato da Cruz<sup>8</sup>, Neto é um poeta cujo conhecimento transcende a naturalidade, e que usou o poder da palavra para elucidar ao mundo a causa de seu povo, o sofrimento de sua gente, sendo, portanto, um poeta que através de seu fazer literário “participa de um concerto para muitas vozes, convoca vivos e mortos para a orquestração de sinfonias melodiosas onde todos participam, à sua maneira, para fazerem fluir as palavras.” (SANTOS, 2010, p. 66).

No poema *Saudação*, Agostinho Neto expõe não apenas sua angústia, mas também a insatisfação do povo angolano, oportunizando, assim, os silenciados a terem voz, o “negro qualquer”, o suburbano e sem valor. Ao se colocar no mesmo patamar de seus conterrâneos, Neto busca estabelecer certa cumplicidade com seus compatriotas, fazendo questão de dizer-lhes que partilha do mesmo fardo, pois são frutos de uma mesma terra e filhos de uma mesma mãe, a mãe África, e com um mesmo objetivo: a libertação nacional e reconstrução da identidade.

Esse fazer literário de Agostinho Neto demonstra uma sintetização da união entre o poeta e o político, cujo discurso evidencia não só a realidade angolana, mas realiza uma reflexão acerca do cotidiano africano e suas necessidades de mudanças, pela qual o poeta universaliza seus anseios, também, para outras nações, fazendo como que seu discurso seja refletido em outros continentes, possibilitando, desse modo, a compreensão de que através de sua obra e de seu papel social, Neto tornou-se emblemático para a história e literatura angolanas, e até mesmo para a luta existencial do Homem negro fora das extensões territoriais de África.

Compreender o teor dos escritos de Agostinho Neto é permitir-se conhecer o contexto histórico de sua vida, de seus ideais, de suas lutas e de Angola, visto que é de extrema importância para o entendimento de uma obra, conhecer as circunstâncias do momento para

---

<sup>8</sup> Viriato Francisco Clemente da Cruz (1928-1973), conhecido apenas como Viriato da Cruz foi um importante poeta, político e escritor contemporâneo de Agostinho Neto. Durante sua trajetória de vida desenvolveu uma intensa atividade política e cultural, sendo membro fundador do MPLA, no início dos anos 60, além de ser um dos mentores do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, em 1948, e também da revista Mensagem, entre os anos de 1951 a 1952. Disponível em: <https://www.lusofoniapoetica.com/angola/viriato-da-cruz>. Acesso em: 21 nov. 2021.

assimilar a história. Em *Saudação* isto é fundamental, pois o próprio título do poema sugere que há um cumprimento entre partes que se conhecem e se entendem, e que uma dessas partes deseja elucidar uma determinada situação, de modo a descartar o melodrama fácil, isto é, os pensamentos negativos, mas explorando e emanando em suas palavras a esperança, tão afunilada pela alienação colonial europeia.

Agostinho Neto “dá força política a seus poemas, assumindo o papel de líder de seu povo através das suas palavras” (MEDEIROS, p. 152, 2016). A obra *Sagrada Esperança* traz reflexões e sensibilizações a respeito da situação africana vivida entre os anos 40 e 60, período em que muitos países africanos como Angola, vivenciaram o colonialismo europeu, que ocasionou inúmeros problemas a essas nações, como por exemplo, a demasiada exploração dos povos africanos.

Tais problemas influenciaram com grande força, a revolta dos povos africanos contra o colonialismo, instigando em alguns, o desejo por mudança e por uma terra livre e independente. Essa aspiração por um país independente passou a ser tratada com muita reponsabilidade por Agostinho Neto, que buscou através de seu fazer literário conscientizar o povo acerca do poderio que estava em suas mãos, assim quisessem utilizá-lo.

Medeiros (2016) diz que é possível observar o contexto histórico em que a obra de Neto está inserida, assim como a mensagem de despertamento e seu desejo de mudança como filho, poeta e ao mesmo tempo político, isto, através da característica que mais chama a atenção nos poemas contidos em *Sagrada Esperança*, que se dá mediante o tratamento defensivo do autor para com o seu povo, ao defendê-lo, exaltá-lo e valorizá-lo.

Essas palavras são as “esperanças soltas no ar, apregoadas na obra de uns, apenas murmuradas na de outros. Mas em todas elas podemos ler uma nação a despontar” como bem afirma Pepetela (1999, p.15 apud RAMOS, 2016, p. 102) no prefácio da obra *A Formação do Romance Angolano* (1999)<sup>9</sup>, de Rita Chaves, corroborando com as palavras da própria autora, que afirma que “com armas e com palavras os angolanos vieram escrevendo o seu roteiro [...]” (CHAVES, 1999, p.19 apud RAMOS, 2016, p. 102) ilustrando, de certo modo, o fazer literário de Agostinho Neto, que em meio a uma luta contra o processo colonial, construiu uma literatura propagando esperança por meio das palavras.

A intenção literária, o engajamento e a importância de Agostinho Neto para o cenário angolano são refletidos em *Sagrada Esperança*, tendo como exemplo, o poema

---

<sup>9</sup> CHAVES, Rita. **A Formação do Romance Angolano: Entre Intenções e Gestos.** Coleção Via Atlântica, n° 1. São Paulo, 1999.

*Saudação*, cujo poeta traça uma esperança futura de um novo cenário angolano que se anuncia através da reconquista e reconstrução da identidade. Neto transforma-se em um portal, cujo leitor observa um mundo por meio do olhar do autor/poeta, que reflete o olhar daqueles que não tinham voz, buscando, na desesperança dos dias presentes, a esperança dos dias vindouros, mostrando-lhes que a resistência seria o principal caminho para à conquista da felicidade em meio a dor e a escravidão, bem como a saída da rotina deplorável dos deleites excessivos contidos nas mesas sujas das noites de sábado nos Musseques, em que negros colonizados tentavam se esvaziarem de seus problemas entregando-se ao alcoolismo.

A esperança contida na obra de Agostinho Neto resgata, de certo modo, a valorização da existência humana, pela qual busca dá significação ao Eu angolano, ao Eu existencial. Neto fala ao seu povo por meio da língua do outro, isto é, do colonizador, para mostrar que o negro, embora não reconhecido, está no mesmo patamar daquele que o oprime, não em crueldade, mas em termos de igualdade humana. O poeta assim o faz, visto que compreende sua responsabilidade como uma liderança em formação, em ascensão, à frente de um movimento que lutara pela reconstrução da identidade e também da alteridade do povo angolano.

É perceptível que Neto influenciou sua geração, e seus atos também influenciaram povos fora dos muros de Angola, posto que “como um poeta revolucionário, combatente na luta anticolonial e primeiro presidente angolano, António Agostinho Neto é, sem dúvida, um desses casos em que vida e obra não se separam em uma análise” (OLIVEIRA, 2014, p. 64), sendo, portanto, imprescindível para esta análise considerar a história de vida do autor.

Agostinho Neto através de seu lirismo revolucionário defendeu não apenas angolanos e africanos, os seus irmãos de sangue, mas também seus irmãos de cor espalhados pelo mundo, que também sofrera e sofrem o desgaste emocional e cruel que o preconceito racial provoca. O autor é consciente de sua influência no tocante a causa da negritude, muito embora tenha tido como foco Angola, Neto reconhece no poema *Confiança*, que suas “mãos colocaram pedras nos alicerces do mundo” (AGOSTINHO NETO, 1979, p. 69), por isso ele, Neto, merece um pedaço de pão, isto é, de reconhecimento.

Seu desejo por findar as desigualdades sociais e econômicas, a fome e a miséria, consiste em um anseio universal, cujo apelo por um país livre, evidenciado através de denúncias exploradas em poesia, faz de Agostinho Neto um poeta de inúmeras nações. Em *Saudação*, a mensagem de avivamento contida no referido poema traz esse cunho libertário, fazendo transparecer seu papel político e arma de combate enquanto poesia, pois instiga o processo de reconstrução da identidade nacional, ao passo que realiza uma reflexão acerca das adversidades

enfrentadas por Angola, de modo que expõe e denuncia as atrocidades, apontando erros e indicando o caminho a ser percorrido rumo aos acertos, rumo ao novo mundo, desconhecido, porém, alimentado pela sagrada esperança anunciada por Agostinho Neto a seus compatriotas.

Percebe-se, assim, uma poesia coletiva, que se utiliza do campo poético para manifestar resistência ao colonizador, e, simultaneamente, lutar pelas causas sociais e políticas do negro angolano, do negro africano e do negro universal. Em um de seus discursos, Agostinho Neto<sup>10</sup> afirma que sua luta é por uma nação independente e harmoniosa,

O que queremos nós? Uma vida independente como Nação, uma existência em que as relações econômicas sejam justas entre os países e dentro do país, um reviver dos valores culturais ainda válidos para a nossa época. O que nós desejamos é estabelecer uma sociedade nova, onde negros e brancos possam viver em conjunto. (AGOSTINHO NETO, 1974).

A mensagem contida no supracitado discurso corrobora como a análise feita por Oliveira Júnior (2017), que pondera ser a obra de Agostinho Neto um “evangelismo poético”, pois promove a conscientização por meio da literatura, tratando as noções do humanismo, liberdade e universalismo como pontos-chaves para uma nação livre e justa. Sua escrita ascende uma chama de esperança na vida daqueles que se identificam com seu ativismo, o qual fora transmitido por sua poética mensagem de libertação. Mensagem esta que, conforme César Viana<sup>11</sup> citado por Oliveira Júnior, buscou a transformação radical das estruturas de alienação do homem, fazendo de Neto “o mensageiro desta mensagem universal que tem por destinatários Angola, a África e o Mundo.” (VIANA, 2014 apud OLIVEIRA JUNIOR, 2017, p. 35).

Diante disso, vê-se que o lirismo do eu-poético de Neto, representado em seu poema *Saudação*, revela o sentimento universalista do autor, bem como o seu desejo de instigar no povo angolano/africano o seu ideal de vida, não de impor-lhe a sua vontade, mas de conduzi-lo ao certo, de fazê-lo entender que sua atitude consiste em uma maneira educativa de recuperar e juntar os elementos do passado longínquo ou recente, para embasar suas críticas aos sistemas colonialistas e ditatoriais, na tentativa de guiá-lo à superação das condições deploráveis causadas por esses regimes, e assim projetar um futuro digno, com a identidade nacional

---

<sup>10</sup> AGOSTINHO NETO, António. “Quem é o inimigo? Qual é o seu caráter?” - Declaração de Agostinho Neto sobre os princípios políticos, culturais e estratégicos do MPLA, durante conferência proferida na Universidade de Dar-es-Salaam, na Tanzânia, em 7 de fevereiro de 1974. In: PEIXOTO, Carolina B.T. Limites do Ultramar Portugês, possibilidades para Angola: O debate político em torno do problema colonial. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009, p. 113.

<sup>11</sup> VIANA, César. O evangelismo poético de Agostinho Neto. In: **A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida e Angolê – Artes e Letras, 1989.

reconstruída, baseada não mais na versão colonial, mas na real história, escrita e contada pelo povo ao próprio povo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debruçar sobre a obra de Agostinho Neto é deparar-se com uma imensidão de informações, das quais se observa tamanha multiplicidade de culturas. A obra *Sagrada Esperança*, escrita entre os anos 1940, 1950 e 1960 traz reflexões a respeito da situação vivida pelos africanos, em decorrência do colonialismo europeu, além de apresentar, de certo modo, essa multiplicidade de matrizes culturais.

A leitura do poema *Saudação*, objeto de estudo deste artigo, norteia pontos em comum entre os poemas da referida obra, em que se observa a forma como Agostinho Neto defendeu seu povo, que em meio a dura e triste realidade, o poeta aspira e enaltece a esperança por dias melhores. Suas palavras descrevem essa realidade, a história de um povo que já estava avizinando o sentimento de desesperança por uma pátria soberana.

Agostinho Neto demonstra ser o poeta da ressignificação, que anunciou a esperança em meio ao caos, pois lutou com suas armas, a coragem e a palavra, pela independência de Angola e pela valorização do homem, em particular, pela afirmação do negro, do negro de todas as nações e de todos os povos, propiciando a recorrente lembrança de sua saudosa memória e legado por atuais intelectuais e líderes de Angola.

Percebe-se ainda que, a escrita combativa de Agostinho Neto tomou força a partir de sua não submissão ao regime colonial, e sua não aceitação é transmitida à sua militância intelectual exposta em seus escritos. Sua poesia passou a unir sua militância política e cultural, defendendo sempre, a liberdade e a soberania outrora existentes, porém extintas com o advento do colonialismo. O engajamento de suas palavras levou-o a travar uma ferrenha batalha, nos campos intelectual e físico, pela independência nacional do negro escravizado, consistindo assim, em uma escrita de revalorização do homem africano e ao mesmo tempo um combate à exploração colonial.

Seu grito poético é a representação da voz de um povo em busca de sua identidade, e em *Saudação* observa-se sua entrega por este ideal, ficando evidente através de seu convite ao combate pela liberdade, pela construção de uma nova cultura angolana, pelo rompimento com o cânone colonial e pela destituição do domínio cultural imposto pela metrópole europeia às colônias africanas, reafirmando, desse modo, a identidade dos excluídos.

Ficou evidente que seu fazer literário além de influenciar, também fora influenciado pelos ideais ideológicos e nacionalistas dos movimentos de resistência como o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a próprio Casa dos Estudantes do Império (CEI), por realizarem importantes manifestações identitárias, as quais demonstraram sua conexão aos valores culturais e políticos defendidos por Neto, como a resistência contra o colonialismo.

Apesar dos diversos problemas enfrentados durante a luta de libertação nacional iniciada em 1961, o discurso identitário de Neto, através de seu convite saudosista, contribuiu para o surgimento da nação que se intentava construir. Neto traz uma poesia histórica, que interliga passado e presente, e projeta o futuro, não aceitando a realidade vigente, mas incentivando àqueles que se identificavam com seu discurso revolucionário, aspirando por mudança.

Escrever sobre a poesia de Neto é traçar uma linha do tempo sobre a vida e o legado do poeta e político que foi. Marcada por fases, ora angolana, ora africana e ora universal, sua poesia de engajamento remete o leitor a uma viagem no tempo, a um cenário de dor, de sofrimento, de desilusão e também de esperança, remontando um caminho cujo trajeto apresenta contextos de utopias e distopias, se apresentando como uma poesia combativa ao projeto colonial, favorável à sociedade de todas as raças e de todas cores, para dar existência a um projeto de nação, onde todas as classes vivam em harmonia respeitando as diferenças sociais.

Portanto, pode-se afirmar que uma escrita engajada com ideais libertários pode influenciar os destinos de uma nação. O discurso identitário de Agostinho Neto, presente no poema *Saudação*, é um exemplo disso, pois fora imprescindível para a abertura de um caminho rumo a uma nação livre, justa e igualitária, a qual se intentava erguer, cuja mensagem de seu fazer literário continua atual, incentivando à manutenção de uma efervescente esperança, propiciando o entendimento de que a caminhada deve ser iniciada e concluída com união, para assim ter-se o prazer de vivenciar a harmonia social, política e econômica, tão aspirada, defendida, idealizada e eternizada por seus escritos como poeta e escritor, e por suas atitudes como político e como homem. Este é o legado revolucionário de António Agostinho Neto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. Prefácio para uma coletânea de poemas de Agostinho Neto. *In*: NETO, Agostinho. **Poemas de Angola**. Rio de Janeiro: Editora Codecri Limitada, 1976. p.7-10.

AMANCIO, Íris Maria da Costa. Aquele por quem se espera: a tensa recepção literária do discurso poético-ideológico de Agostinho Neto na contemporaneidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 309-326, 1º sem. 2003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12489/9802>. Acesso em: 18 out. 2021.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **A literatura de Agostinho Neto: intenção poética e política**. Literaturas africanas de língua portuguesa – mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015, p. 131-146.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. **Agostinho Neto e Agostinho da Silva Exílios, encontros e desencontros entre intelectuais no Atlântico Sul**. Universidade de Brasília. Julho, 2017.

LARANJEIRA, José Luís Pires. A poesia de Agostinho Neto como documento histórico: premonição da liderança, projecto de libertação nacional e organização do movimento popular, em 1945-1956. *In*: TORGAL, Luís Reis et al. (orgs.). **Comunidades Imaginadas. Nação e Nacionalismos em África**. Universidade de Coimbra. Coimbra. Novembro, 2008. p.111-116.

LARANJEIRA, José Luís Pires. **Literaturas Africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade aberta, 1995. p.92.

LIMA, Danielle Campos. Saudação: as marcas da negritude em Agostinho Neto. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis**, v.7, Número 3, setembro-dezembro, 2016. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/2097/pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.

MEDEIROS, Alexsandro Melo; PANTOJA, Luana de Vasconcelos. Filosofia Existencialista e Literatura Engajada: Entre Sartre e Simone de Beauvoir. **Clareira – Revista de Filosofia da Região Amazônica**. Volume 2, Número 2 – Ago-Dez/2015. Disponível em: <https://pdfslide.tips/documents/filosofia-existencialista-e-literatura-engajada-entre-files-tegorias-expostas.html>. Acesso em: 22 out. 2021.

MEDEIROS, Taísa Teixeira. Conscientização e luta em Sagrada Esperança. **Revista o Pé da Letra**, Volume 18.1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/viewFile/231884/26069>. Acesso em: 17 out. 2021.

AGOSTINHO NETO, António. **Sagrada Esperança**. Edição Especial, Sá da Costa Editora. Luanda: UEA, 1979.

OLIVEIRA, Natália Medeiros. **O tema do exílio nas escritas poéticas de António Jacinto, Agostinho Neto, José Craveirinha e Rui Knopfli**. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras

– Mestrado em Literatura Comparada. Pelotas, 2014. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2670>. Acesso em: 20 out. 2021.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RAMOS, Celiomar Porfirio. **Enveredando pela poesia de resistência de Agostinho Neto: a palavra enquanto arma**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2016. Disponível em: [https://ri.ufmt.br/bitstream/1/1061/1/DISS\\_2016\\_%20Celiomar%20Porfirio%20Ramos.pdf](https://ri.ufmt.br/bitstream/1/1061/1/DISS_2016_%20Celiomar%20Porfirio%20Ramos.pdf). Acesso em: 17 out. 2021.

SANTOS, Edna Maria dos. Viriato da Cruz e Agostinho Neto: História, Poesia, Música e Revolução. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO**. Vol. 1 Num.1 2010.